

## DO VÍDEO À REFLEXÃO: O USO DE FRAGMENTOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA PARA ANÁLISE SOCIOESPACIAL E FORMAÇÃO CRÍTICA NO ENSINO MÉDIO – COMUNICAÇÃO ORAL

Lívia Brochini de Lima <sup>1</sup>

Eduardo Monteiro Assunção <sup>2</sup>

Maria Isabela da Silva Lauvres <sup>3</sup>

Fabio Tadeu de Macedo Santana <sup>4</sup>

### RESUMO

Diversas pesquisas sobre o processo de ensino-aprendizagem destacam a importância de repensar as práticas pedagógicas em sala de aula. Nesse contexto, a utilização de fragmentos fílmicos nas aulas de Geografia configura-se como uma estratégia didática capaz de integrar elementos tecnológicos presentes no cotidiano dos estudantes, tornando os conteúdos mais atrativos e significativos. Este trabalho propõe a discussão de temáticas centrais como indicadores socioeconômicos, relações de trabalho, imigrações, sistema de saúde e acesso ao ensino superior, por meio da análise comparativa entre diferentes países previamente selecionados: Brasil, China, Índia, Rússia, Irlanda e Estados Unidos da América. A abordagem audiovisual permite uma leitura tanto macro quanto micro das temáticas, promovendo a conexão entre os conteúdos trabalhados e a realidade socioespacial vivida pelos estudantes, especialmente no que diz respeito à experiência dos imigrantes brasileiros. O principal objetivo desta proposta é aproximar os estudantes dos temas abordados em Geografia utilizando uma linguagem com a qual eles se identifiquem — como vídeos virais de redes sociais que retratam aspectos da vida em diferentes países —, a fim de estimular um olhar geograficamente crítico, humanizado e plural sobre os diversos povos do planeta. Busca-se, com isso, engajar os alunos da 3ª série do ensino médio do Colégio Estadual Miguel Couto (Cabo Frio – RJ – Brasil) em debates mais participativos, contribuindo para o combate à estigmatização e aos estereótipos relacionados a países, modelos políticos e ideologias em diferentes contextos, esta prática também está em consonância com os objetivos da Base Nacional Comum Curricular, cumprindo seu papel na formação cidadã crítica e consciente dos estudantes.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Fragmentos fílmicos, Redes sociais.

### INTRODUÇÃO

Diversos estudos sobre ensino-aprendizagem apontam, há tempos, a urgência de repensarmos o fazer pedagógico dentro da sala de aula, afinal, o modo de aprender também

<sup>1</sup> Mestre pelo Curso de Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, [liviabrochini@gmail.com](mailto:liviabrochini@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [eduardomonteiroassuncao@gmail.com](mailto:eduardomonteiroassuncao@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, [mariaisabelalauvres@gmail.com](mailto:mariaisabelalauvres@gmail.com) ;

<sup>4</sup> Departamento de Licenciatura em Geografia do Instituto de Geografia – UERJ, [professorfabiotadeu@gmail.com](mailto:professorfabiotadeu@gmail.com);





mudou e muda cada vez mais rápido através da globalização. O espaço escolar, que outrora se bastava com o quadro e o giz para alguns, hoje está diante de novas linguagens, sons, imagens e ritmos que invadem o cotidiano dos estudantes. É nesse turbilhão de mudanças que o ensino da Geografia se renova: o desafio contínuo é construir pontes entre o conhecimento científico e as vivências dos estudantes.

O uso de fragmentos fílmicos nas aulas de Geografia surge, então, como um dispositivo pedagógico que incorpora o toque tecnológico e o dinamismo próprios da geração atual. Quando o conteúdo ganha voz, cor e movimento, deixa de ser mera abstração para se tornar uma experiência sensorial e afetiva. O audiovisual, com sua capacidade de traduzir o mundo em múltiplas linguagens, fala a mesma língua da juventude, estabelecendo um diálogo que é tanto cognitivo quanto emocional. É nesse entremeio que o aprendizado floresce.

Assim, o presente trabalho se propõe a discutir relações de trabalho, migrações e geopolítica, temas que, embora complexos, encontram no cinema e nos vídeos curtos um caminho fértil para serem explorados. Os fragmentos audiovisuais permitem uma leitura macro e micro da realidade, revelando tanto as tramas globais quanto as pequenas histórias que dão sentido aos processos geográficos.

Essa possibilidade aproxima o conhecimento científico das vivências socioespaciais dos sujeitos: trabalhadores, imigrantes, refugiados, permitindo reflexões críticas e valorizando os repertórios culturais trazidos por cada um. A Geografia, nesse contexto, deixa de ser um componente curricular que “fala sobre o mundo” e passa a ser um componente curricular que “fala com o mundo e para o mundo”, revelando, nas entrelinhas, o valor da experiência cotidiana como fonte legítima de saber.

Além disso, ao incorporar o audiovisual ao ensino, o professor não apenas diversifica sua prática, mas reencontra o sentido da escuta e do olhar atento, aliando-se às telas dos *smartphones* e computadores principalmente, que tanto seduzem os estudantes. A aula se fortalece no diálogo; o conteúdo ganha vida, e o espaço escolar se conecta ao presente.

Em síntese, este trabalho reúne a trajetória de uma experiência que une Geografia e imagem, saber e sensibilidade, teoria e prática. Aqui se sintetiza o que já foi vivenciado e o que ainda está em construção: o uso de fragmentos fílmicos como dispositivos pedagógicos voltados a uma educação mais crítica e emancipadora. Busca-se compreender como essa proposta foi recebida e apreendida pelos estudantes, quais sentidos despertou, e de que forma





contribuiu para ampliar sua visão de mundo. É um convite para repensar o ensino não apenas como transmissão de conteúdo, mas como ato de ver, sentir e transformar o espaço vivido, porque ensinar Geografia, afinal, é ensinar a enxergar o mundo com outros olhos.

## METODOLOGIA

O projeto vem tomando forma ao longo do ano letivo de 2025, com encontros semanais, em seis turmas (3002, 3003, 3004, 3005, 3006 e 3007) do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Miguel Couto - Cabo Frio - RJ.

A professora das turmas, Livia Brochini, trabalha em conjunto com os universitários da graduação do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Campus Cabo Frio, UERJ, estes sendo bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da universidade. Pensando em formas de estimular a leitura do mundo que os estudantes vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, este estudo recorreu aos fragmentos fílmicos que dialogassem com os estudantes utilizando de uma linguagem audiovisual mais atrativa para eles, mantendo o propósito e sentido, de pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico.

A primeira etapa desse projeto foi composta pelo estudo e discussão das referências bibliográficas, consultando autores relevantes da área da educação e, também, pesquisadores que trabalham com a interseção do audiovisual com a sala de aula, como o próprio coordenador do PIBID, Fábio Tadeu Santana. Então, foi realizada a seleção do material a ser utilizado: recortes de entrevistas, filmes e documentários, além de vídeos curtos encontrados em redes sociais que estivessem interligados aos conteúdos abordados.

É fundamental indicar o porquê consideramos recortes (fragmentos) importantes nesse estudo. Existe, atualmente, a cultura do consumo em massa da informação em um pequeno espaço de tempo. Pensando nisso, compreendemos que os recortes, através de uma contextualização prévia e sucinta de temas trabalhados pela Geografia escolar, seriam potencializadores de captar a atenção dos estudantes e uma alternativa aos tradicionais documentários que costumam levar de cinquenta minutos a uma hora. A escolha dos fragmentos fílmicos foi então reunida, utilizando a plataforma do *Google Drive* para armazenamento, de modo a permitir também o compartilhamento dessa seleção para futuras implementações dessa mesma metodologia ou alguma outra que partisse desse banco de dados.





A fim de enriquecer o banco de dados criado, foi feita também a elaboração de fichas catalográficas dos fragmentos selecionados, bem como a pesquisa de dados oficiais complementares para associar ao conteúdo dos vídeos, assim facilitando seu uso em sala de aula e contribuindo para um entendimento mais amplo dos assuntos.

Além disso, é de grande importância o uso de cenários, tanto reais quanto hipotéticos, para aproximar as temáticas abordadas ao cotidiano dos estudantes, assim aproximando-os de suas respectivas realidades. Como forma de conclusão, foi realizada, também, a resolução de questões de vestibulares, com um enfoque no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o objetivo de fixar os assuntos de modo a também preparar os estudantes para os exames internos e externos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Com o avanço das mídias sociais, da popularização dos *smartphones* e da *internet*, presentes nos cotidianos dos estudantes e com grande capacidade de reter o tempo e a atenção dos jovens, urge a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, para atrair os estudantes para a sala de aula, pois, ainda que presentes fisicamente, essa atenção é disputada com seus aparelhos celulares voltados para o entretenimento.

Atualmente, foi regulamentada no Brasil a Lei nº 15.100/2025<sup>5</sup>, que restringe o uso do celular nas escolas, porém, o desafio para aplicação dessa lei é grande, sobretudo observado entre os estudantes do Ensino Médio, já tão habituados aos seus celulares presentes no ambiente escolar.

Partindo da necessidade de conquistar a atenção dos estudantes o uso de elementos audiovisuais, como os apresentados neste trabalho, se fez uma ideia promissora. Utilizar de filmes recentes – lê-se com uma qualidade mais agradável à visão e audição - e até mesmo vídeos de influenciadores digitais, adaptando-os para uma perspectiva geográfica de modo a dialogar com o conteúdo em sala de aula apresentou-se como uma possibilidade de aproximar os estudantes das propostas didáticas nas aulas de Geografia.

---

<sup>5</sup> Lei nº 15.100/2025: Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica.





Em meio às metamorfoses que marcam o século XXI, um tempo em que a informação corre solta, o ensino de Geografia se vê diante de um novo desafio: ensinar a ver. Ver o espaço,

o território e o mundo. Nessa travessia, o uso de fragmentos fílmicos como recurso pedagógico surge como um convite para que o olhar do estudante vá além do que se mostra à primeira vista e se torne instrumento de leitura crítica da realidade.

Para Moran (2007) as tecnologias audiovisuais, quando bem conduzidas, não são meros enfeites da prática docente, mas pontes que ligam o sentir ao pensar, o ver ao compreender. Em suas palavras, “as imagens, os sons e as palavras, quando combinados de forma significativa, ampliam a compreensão e estimulam a imaginação”. É como se o audiovisual, ao entrar em sala de aula, despertasse uma nova sensibilidade: a de aprender com o olhar, com o som, com a emoção, mas sem perder o rigor do pensamento.

Fábio Tadeu de Macedo Santana (2022) reforça essa ideia ao tratar o audiovisual como um dispositivo pedagógico, não como simples ilustração. Para ele, o vídeo, o fragmento, e o corte são provocações, jamais distração. Quando mediado pelo olhar crítico do professor, o filme ganha voz. É aí, nesse encontro entre imagem e palavra, que o aprendizado se faz concreto, vivo. Santana lembra que o papel docente é o de transformar a tela em espelho: um espelho que reflete o mundo, mas também o questiona.

Freire (1996) nos ensina que “ler o mundo precede a leitura da palavra”. A Geografia, ao incorporar o audiovisual, cumpre exatamente essa missão freireana, ensina a ler o mundo com os olhos e com o coração, com a razão e com o espanto. O uso de filmes e vídeos torna-se, então, muito mais que um recurso didático: é um ato político e estético de reconhecimento do espaço vivido, um gesto que convida o estudante a enxergar as contradições que moldam a sociedade e, quem sabe, a desejar transformá-las.

Nesse caminho, Libâneo (2013) recorda que ensinar é, antes de tudo, mediar. O professor que traz um filme para a sala não “passa um vídeo”; ele conduz uma experiência. Ele propõe uma travessia: a de ver o conteúdo geográfico refletido nas paisagens fílmicas, nas histórias e nas vozes que habitam a tela. Cada fragmento, cuidadosamente escolhido, torna-se uma cena de aprendizagem, uma fresta por onde o conhecimento escapa dos livros e se mistura com o mundo.

Maria Isabel da Cunha (2010) nos lembra que a mediação pedagógica é também simbólica, pois ela costura sentidos. Ao inserir o audiovisual, o educador não apenas traduz o





conteúdo, mas cria pontes entre o saber científico e o saber vivido, entre o mapa e o caminho. Essa costura é essencial à Geografia, ciência que nasce da vida cotidiana e retorna a ela em forma de reflexão.

Mas, em tempos de telas onipresentes, Henry Giroux (2008) adverte: é preciso aprender a ler criticamente a cultura midiática. O audiovisual, se não for mediado, pode se tornar eco da superficialidade. Por isso, o professor-geógrafo deve ensinar a ver de forma crítica, a decifrar imagens, questionar discursos e reconhecer as ideologias que atravessam o olhar. Trabalhar com fragmentos fílmicos é, portanto, uma pedagogia da atenção em tempos de dispersão.

Ao unir todos esses fios dessa trama, compreende-se que o audiovisual na Geografia escolar não é mero artifício metodológico. É uma postura epistemológica e ética, que convida o estudante a pensar o espaço como narrativa viva, feita de paisagens e personagens, de memórias e disputas. Assim, as imagens projetadas em tela ganham ares de território simbólico: nelas se desenham caminhos de imaginação e crítica, horizontes onde o aluno pode, enfim, se reconhecer como sujeito do espaço e do conhecimento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação do projeto no Colégio Estadual Miguel Couto, com o uso de fragmentos audiovisuais como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia, demonstrou resultados significativos na formação crítica dos estudantes da 3ª série do Ensino Médio. A proposta de trabalhar com vídeos curtos, filmes como “As Nadadoras”, entrevistas e reportagens, mostrou-se eficaz para engajar os estudantes ao conectar os conteúdos geográficos à linguagem midiática que eles já consomem, promovendo maior interesse e participação nas aulas.

Até o presente momento, foram aplicadas três dinâmicas de longa duração e reflexão por parte dos alunos. Em primeiro momento, houve a contextualização da temática, que foram as relações de trabalho e seus diferentes vínculos na atualidade. Os fragmentos escolhidos a partir disso colocaram em evidência recortes atuais e viralizados, correspondendo ao conteúdo mais consumido nos últimos anos.

Esses recortes consistiam principalmente em explicar como funcionava, na prática, a vivência em diferentes países, como: as relações de trabalho, sistema de saúde e educação,





segurança e custo de vida. Partindo do pressuposto que a qualidade de vida e trabalho são inerentes a esses aspectos do país. A resposta da turma foi extremamente positiva, não só questionaram como compararam com a própria realidade e suas vivências na própria cidade.

Contribuíram com questionamentos, perguntas, dúvidas e experiências pessoais dentro do assunto.

Durante o projeto, os estudantes não apenas assistiram aos vídeos, mas passaram a analisá-los criticamente, relacionando-os às suas realidades locais, ao contexto global e aos conceitos geográficos, como migração, globalização, territorialidade, desigualdades e conflitos geopolíticos. Muitos estudantes buscaram assistir aos filmes completos por iniciativa própria, o que evidenciou o despertar de um olhar geograficamente mais crítico e reflexivo. Os debates em sala também favoreceram o exercício da empatia, da escuta e da argumentação fundamentada, contribuindo para a desconstrução de preconceitos sobre diferentes povos e territórios.



Figura 1: Roda de discussão sobre o filme "As nadadoras" Foto: Clara Correia Vieira





Na atividade mais recente que utilizamos um recurso audiovisual, início de outubro de 2025, realizada nas turmas de 1º e 3º ano, realizamos uma pesquisa que continha a seguinte pergunta “Onde você mais ouve/fala sobre meio ambiente e desigualdades?”, o objetivo era que os alunos informassem em qual meio ou local eles acessam esse tipo de temática. O resultado obtido está no gráfico 1.

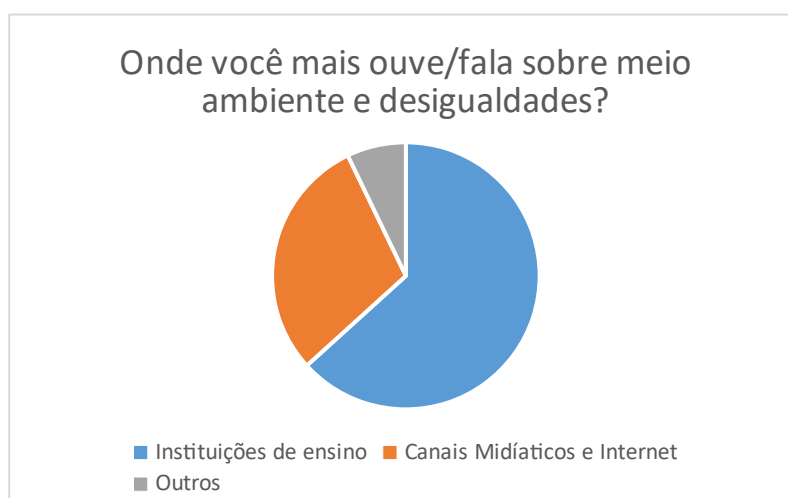


Gráfico 1: Resultados da pesquisa

A partir desse estudo, identificamos que aproximadamente 62% escutam esse assunto na escola, 29% consomem por meio de canais midiáticos, e 7% escutam ou debatem em ambientes externos. O total de estudantes analisados somam 214, para além da escola, percebemos a importância dos canais midiáticos e internet na formação dos jovens. O que reforça a importância de cativar esses alunos, auxiliando-os a ler criticamente o que consomem nas redes sociais por meio de suas perspectivas e realidades.

Atualmente, de acordo com um estudo realizado pelo Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista – SETA, em conjunto com o Instituto de Referência Negra - PEREGUM, somente 24% da população brasileira entende ou sabe o que é o racismo ambiental. A partir dessa informação, foi realizado a amostra de um documentário sobre racismo ambiental, de 30min, do ano de 2024: “Racismo Ambiental - Jornada”, que explora as periferias da região metropolitana de Brasília, demonstrando as dificuldades vividas pelos moradores dessas áreas em razão da negligência do poder público, e comparando essas dificuldades com as regiões centrais da cidade. O documentário, especialmente por ser mais curto e ter uma linguagem mais objetiva, obteve grande grau de aceitação por parte das turmas e estudantes.







As reações e respostas vieram dos mais variados perfis de estudantes, do mais quieto, ao mais agitado, do tímido ao mais participativo, e a correlação politicamente compreendida partiu dos próprios estudantes, que questionaram o dever do Estado dentro dessas situações e como algo tão urgente não é “visto” pelas respectivas autoridades. A partir dessa perspectiva e levando em consideração que cerca de 81% dos participantes do projeto possuem idade

suficiente para exercer o voto político, foi debatido a importância da democracia e do papel como cidadão ativo politicamente nas escolhas macro e micro, repensando a estigmatização atual de que o poder político está concentrado nas mãos presidenciais.

Além disso, o banco de fragmentos criado tornou-se uma ferramenta pedagógica valiosa, possibilitando que outros professores repliquem ou adaptem o material conforme necessário. A parceria com licenciandos da UERJ fortaleceu a formação inicial docente, ao integrar teoria e prática em um ambiente real de ensino. O projeto reafirmou o potencial dos recursos audiovisuais como instrumentos mobilizadores de pensamento e transformação, formando estudantes mais conscientes e preparados para compreender criticamente a complexidade do espaço geográfico contemporâneo.

Paulo Freire, em seu livro *Educação como prática da liberdade*, ressalta com firmeza a importância de uma educação que forneça ferramentas e que fomente o pensamento crítico, sendo essa criticidade a principal forma de se fazer valer a democracia. Desse modo, a atividade realizada concede aos estudantes, exatamente, os meios informacionais necessários para a formação dessa visão crítica da realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, a partir dos resultados obtidos através deste estudo, que os dispositivos audiovisuais podem se tornar uma ferramenta relevante para o ensino da Geografia, sendo importantes para a desconstrução de estereótipos e estigmas que as redes sociais e a convivência cotidiana podem vir a naturalizar.

Além disso, é notável a eficácia do uso de fragmentos de filmes, entrevistas e reportagens ao invés de suas versões completas para chamar a atenção dos estudantes, que em razão do uso dinâmico das redes sociais e a necessidade de uma mudança de foco constante,





possuem uma facilidade maior no aprendizado e na concentração ao utilizar de trechos mais curtos para o estudo.

Por fim, ressalta-se a importância da continuidade dos estudos nesta área, para que sejam feitas novas adaptações e polimentos nas práticas docentes para aplicações cada vez mais eficientes e completas, com o objetivo de formar discentes mais conscientes e críticos em relação à realidade em que estão inseridos, além de torná-los mais preparados para a vida após a escola.

## REFERÊNCIAS

**AS NADADORAS.** Direção: Sally El Hosaini. Estados Unidos; Reino Unido: Netflix, 2022. Filme. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81476453>. Acesso em: 26 mai. 2025.

**BRASIL.** Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: ensino médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2019.

**BRASIL.** Base Nacional Comum Curricular: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

**CUNHA, Maria Isabel da.** Formação docente e profissional: desafios e perspectivas. São Paulo: Papirus, 2010.

**RACISMO AMBIENTAL - JORNADA.** Direção não identificada. [S. l.: s. n.], [2024]. Documentário. Disponível em: <https://youtu.be/NOi3ojxkycg>. Acesso em: 19 set. 2025.

**FREIRE, Paulo.** Educação como prática da liberdade. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

**GIROUX, Henry A.** Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.





**LIBÂNEO, José Carlos.** Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

**MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I.; RESENDE, D.** A pedagogia do dispositivo: pistas para criação com imagens. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (org.). Cinema-educação: políticas e poéticas. Rio de Janeiro: SOCINE; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. p. 85–104.

**MORAN, José Manuel.** A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

**RODRIGUES, Rejane; SANTANNA, Fabio Tadeu; ERTHAL, Leopoldo.** Aprendendo com filmes: o cinema como recurso didático para o ensino da geografia. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

**SANTANA, Fábio Tadeu de Macedo.** O audiovisual como dispositivo pedagógico: práticas e reflexões no ensino de Geografia. Rio de Janeiro: UERJ, 2022.

**NGANGA, João Gabriel do Nascimento.** Sumário executivo: percepções sobre o racismo no Brasil. Rio de Janeiro: SETA; Instituto Peregum, 2023. Disponível em: <https://percepcoes.sistemadetransformacao.org/>. Acesso em: 19 out. 2025.

